

ADRIANO ZAMPERLINI

O QUE SE ESCONDE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

2015

Adriano Moraes Zamperlini

O QUE SE ESCONDE

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Habilitação: Escultura
Orientador: Prof. João Cristeli

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Para meus pais, Dolores e Almir.

Para Lu.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor João Cristeli. Por ter me orientado durante a realização desse trabalho, pela oportunidade de trabalhar como ajudante em seu ateliê, e por todo o conhecimento passado.

À ceramista Adel Souki. Por ter dividido sua sensibilidade e paixão por cerâmica comigo, e ter me mostrado novas possibilidades para minha produção plástica.

Agradeço também aos professores Lindisley Daibert, Fabricio Fernandino, Humberto Inchausti, Clébio Maduro, Lilisa Mendes, Lucia Gouvêa Pimentel.

Aos meus pais. Pela paciência, e por terem me apoiado em todas as minhas decisões e investidas.

Aos meus amigos, Thiago, Lucas, Alisson e Claudio por toda a força, companheirismo e amizade ao longo desses anos.

À minha namorada, Luciana. Por toda confiança, carinho, incentivo e força que já me deu. Por tudo o que passamos e ainda vamos passar juntos.

LISTA DE IMAGENS

		Pág.
FIGURA 1	Máscara grega	8
FIGURA 2	Árvore 1	10
FIGURA 3	Árvore 2	12
FIGURA 4	Árvore 3	12
FIGURA 5	Teste de queima de buraco 1	14
FIGURA 6	Teste de queima de buraco 2, visão 1	14
FIGURA 7	Teste de queima de buraco 2, visão 2	14
FIGURA 8	Modelagem inacabada de “Sono”	15
FIGURA 9	Fórmula de gesso e cópia com argila colorida	16
FIGURA 10	“Sem título”	17
FIGURA 11	Grupo das peças inteiras de “Personalidade”	19
FIGURA 12	Grupo dos fragmentos de “Personalidade”	20
FIGURA 13	“Personalidade”	20

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	-----	07
CAPÍTULO 1 – “A BUSCA PELO ESPAÇO” ATELIÊ I	-----	10
CAPÍTULO 2 – “EXPERIÊNCIAS SUBJETIVAS”		
2.1 - ATELIÊ II	-----	13
2.2 - ATELIÊ III	-----	15
CAPÍTULO 3 – “PERSONALIDADE” ATELIÊ 4	-----	18
CONCLUSÃO	-----	21
REFERÊNCIAS	-----	22
LINKS/SITES/INTERNET	-----	23

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem o intuito de traçar um fio, hora lógico, hora temporal das minhas produções escultóricas durante os Ateliês I, II, III e IV da habilitação de Escultura da Escola de Belas Artes. Mesmo este espaço sendo constituído de múltiplas técnicas de ensino, me senti atraído particularmente pela cerâmica. Pela sua maleabilidade e plasticidade, sua capacidade de interpretar os impulsos e pensamentos através das mãos do escultor. Essas características da argila me levaram a percorrer um caminho de experimentações que resultaram nas produções abordadas nesse trabalho. Mas além dessas características, o que realmente me atraiu foi o processo de queima, a transformação da argila pelo fogo, o momento em que a argila ganha dureza e se torna irreversível, se torna cerâmica.

“Não só o elemento fogo vem cooperar para a constituição de uma matéria que já reuniu os sonhos elementares da terra e da água, mas também, com o fogo, é o tempo que vem individualizar fortemente a matéria [...]. O cozimento é assim um grande devir material, um devir que vai da polidez ao dourado, da massa à crosta. Tem um começo e um fim como um gesto humano.”

(BACHELARD, 1991, p.69).

Acredito que essa afinidade se deu pelo fato de que eu mesmo estava passando por um processo de transformação. Digo isso não apenas em virtude de estar dentro de uma universidade, mas também por ter mudado de um curso de Engenharia para Belas Artes. Sendo uma pessoa introvertida e acostumada a pensar de forma exata e objetiva, tive muita dificuldade para me expressar de forma artística, e principalmente para interagir socialmente. Como mecanismo de defesa acabei criando um personagem para mim, vesti uma máscara social e passei a me comportar de forma extrovertida para me adaptar às novas situações. Por máscara social eu me refiro àquelas que desempenham a construção de uma identidade, de um imaginário acerca de determinada função na sociedade.

A palavra máscara tem origem no latim e dentre outros significados pode-se traduzi-la como “homem disfarçado”. É um acessório utilizado para

cobrir o rosto e pode ser utilizada para diversos propósitos, desde a proteção do rosto, como peça de ritual, como finalidade religiosa e artística. A idéia de máscara como identidade, ainda que de forma longínqua, se remete às antigas máscaras teatrais gregas que serviam para dar rosto aos personagens. No teatro antigo, os atores faziam apresentações a céu aberto para um público numeroso, e as máscaras, dentre outras funções, serviam para ampliar a presença do ator. As proporções maiores que a face do ator e os traços expressivos acentuados, faziam com que todo o público pudesse assimilar o caráter do personagem. As máscaras também poderiam portar grandes perucas, e no local em que se encaixava a boca havia uma espécie de cone que permitia uma maior propagação da voz. Todo esse exagero tem a função não só de aumentar as proporções do personagem e o alcance da expressão em questão, mas também de manter essa expressão. A mesma ganha o poder de preencher os espaços vazios existentes entre o locutor e o espectador, criando assim, uma ligação mais rápida e intensa entre ambos.



Fig. 1 Máscaras grega.

Essa função ocorre de forma semelhante com as máscaras sociais. Estamos sempre buscando um espaço na sociedade, desempenhando papéis que muitas vezes servem apenas para sermos aceitos quanto membros de um grupo ou para desempenhar certas funções. Gostaria de deixar claro que não é

minha intenção com esse trabalho me aprofundar nesse aspecto da psicologia humana, existem muitos estudos sobre esse tema, quero apenas usa-lo como referência para facilitar o entendimento sobre a forma como eu concebi meus trabalhos. Na prática, eu estava me adaptando à nova realidade e o personagem que eu havia criado para encarar essa nova fase, aos poucos se tornava obsoleto. Inconscientemente, em meio ao fazer de potes de barro e testes de esmaltes dentro do ateliê, ocasionalmente eu criava novas máscaras, dessa vez de gesso ou cerâmica, numa tentativa de suprir a primeira. A transformação é sempre uma constante ao longo desse percurso e se deu de forma gradativa.

Em seu sentido figurado, o rosto humano possui força em relação à ocupação de um espaço, pois se cria uma relação de identificação imediata com o espectador, e isso foi um fator importante no meu relacionamento com as máscaras. Na medida em que eu fui amadurecendo, tanto como ceramista quanto como indivíduo, também minhas peças se transformavam. As máscaras, no início pequenas, foram ganhando proporções maiores e fisionomias mais trabalhadas. Deixaram de ser apenas capas de proteção e se tornavam carrancas, atraindo a curiosidade das pessoas e carregando em si uma identidade.

Sendo assim, pretendo mostrar minha produção ao longo do curso, relacionando cada projeto com as circunstâncias em que foram idealizados. As experimentações com argila, os resultados positivos e as falhas que ocorreram e serviram de guia para a pesquisa, considerando sempre a visão das obras como máscaras, tanto como produção escultórica como materialização de uma personalidade. Associando também com meu desenvolvimento pessoal.

CAPÍTULO 1 – “A BUSCA PELO ESPAÇO”

ATELIÊ I

Esse projeto propôs uma instalação de máscaras em três árvores que tinham, como característica em comum, buracos em seus troncos, resultantes da quebra ou corte de um galho. O objetivo desse trabalho foi interferir nesses buracos de forma a preencher os espaços vazios causados pela perda desses galhos, e ao mesmo tempo chamar a atenção para a própria árvore como um indivíduo, conferindo a ela uma personalidade.



Fig. 2 Árvore 1. Adriano Zamperlini. 2009.

A partir da maneira como esse trabalho se apresenta é possível fazer uma relação com instalações urbanas, que tem como conceito ocupar um espaço público, visando colocar em questão as percepções acerca do objeto artístico produzindo novas maneiras de perceber o cenário urbano e criar relações afetivas com a cidade que não a da objetividade funcional.

Para fazer as máscaras, primeiro foi retirado um molde de gesso do local a ser instalado. Sobre o molde, modelei em argila um rosto correspondente a cada árvore e, em seguida, fiz um novo molde em gesso de cada rosto. Para as peças finais foi utilizado látex por ser um material flexível, facilitando a instalação nos troncos, ecológico e fácil de manusear.

A escolha das árvores como suporte se deu por uma projeção de sentimento da minha parte em relação a elas. Não posso afirmar se plantas sentem dor ou não, mas ao ver aqueles buracos interpretei que a eliminação de parte de seu corpo poderia ter sido um processo traumático, e que a árvore poderia estar em sofrimento. Porém, a intenção não foi necessariamente mostrar esse sofrimento, e sim evidenciar essa perda, esse vazio, e mostrar que esse espaço pode ser recuperado ganhando um novo significado. Nesse momento a máscara exerce sua função teatral; as características exageradas e grotescas chamam a atenção e facilitam a interação com o observador, revelando ali um personagem, com sentimentos e emoções próprias. Ou seja, uma personalidade.

"Se repararmos para que serve, sobretudo nas sociedades ditas 'primitivas' e nas sociedades tradicionais, tem de se reconhecer, creio eu, que a máscara, longe de ocultar, revela; que ela retira a expressão pessoal do rosto, mas manifesta aquilo que na vida cotidiana não se pode ver; que ela serve, enfim, para descobrir um certo sentido do rosto que está para além das aparências: aquele sentido em que a face viva e individual faz esquecer e só aparece com a morte."

(José Mattoso, 1999)

Esse trabalho foi o primeiro a tomar proporções maiores fora do ateliê de cerâmica. Foi também um reflexo de um amadurecimento pessoal, e o primeiro passo na busca por um espaço. Refiro-me não a um espaço físico, mas de autoafirmação como um artista em formação.



Fig. 3 Árvore 2. Adriano Zamperlini.
2009.

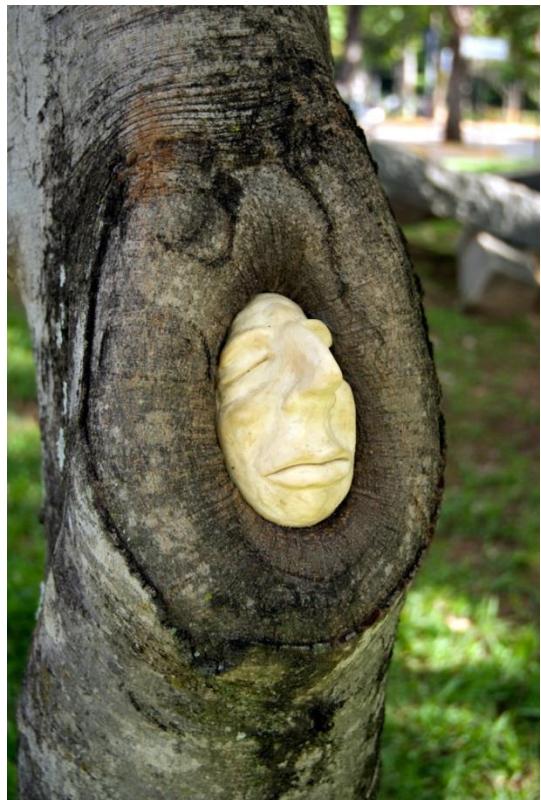


Fig. 4 Árvore 3. Adriano Zamperlini.
2009.

CAPÍTULO 2 – “EXPERIÊNCIAS SUBJETIVAS”

2.1 - ATELIÊ II

Neste segundo momento de produção junto a Disciplina Ateliê II, minhas atenções se voltaram novamente para dentro do ateliê. A ceramista Adel Souki, a convite do Prof. João Cristeli, ministrou um curso na Escola de Belas Artes. Fiz a escolha de me dedicar ao curso sabendo que iria ajudar a desenvolver minhas habilidades para trabalhar com argila e abrir novos caminhos dentro do campo da cerâmica.

Durante esse curso, Adel, dentre outras coisas, mostrou diversas técnicas de modelagem e esmaltação, como preparar massas cerâmicas e alguns tipos de queimas artesanais. Ao final, mais do que as técnicas e as queimas, o que ficou de importante foram os aprendizados e as trocas de experiência com a Adel e com os participantes do curso.

Durante esse curto período, aproveitei ao máximo para estudar e aprender novas técnicas, sempre fazendo experiências e testes com diferentes tipos de argilas e esmaltes. No entanto, uma técnica em particular chamou minha atenção, um tipo de queima artesanal a lenha chamada de queima de buraco. Durante esse processo é possível adicionar diferentes sais e óxidos que juntos com a fumaça da lenha causam manchas coloridas às peças. Essas manchas ocorrem de forma inesperada e conferem características únicas às peças.

Além de proporcionar um efeito estético interessante, me chamou a atenção o fato de que as manchas podem induzir variadas interpretações visuais por parte do espectador, semelhante aos testes de Rorschach. Dessa forma, as peças de cerâmica se tornam mutáveis de forma subjetiva, sempre que um novo espectador interpretar as manchas a sua maneira.



Fig. 5 Teste de queima de buraco 1. Adriano Zamperlini. 2010.



Fig. 6 Teste de queima de buraco 2, visão 1. Adriano Zamperlini. 2010.



Fig. 7 Teste de queima de buraco 2, visão 2. Adriano Zamperlini. 2010.

2.2 - ATELIÊ III

Com esses resultados em mente achei que seria interessante uma abordagem utilizando essa ideia de interpretação por manchas, para isso, na Disciplina de Ateliê III, propus criar dois grupos de peças e coloca-los em oposição, de maneira em que um dos grupos propõe uma interpretação subjetiva através de manchas e cores, e o outro propõe uma interpretação literal por meio de uma modelagem figurativa.



Fig. 8 Modelagem inacabada de “Sono”. Adriano Zamperlini. 2011.

Infelizmente, a mesma imprevisibilidade que me atraiu para o caminho da cerâmica impediu que esse projeto fosse concluído, pois durante a primeira das queimas planejadas no processo de produção, a maioria das peças quebraram ou trincaram, sobrando apenas três de um total de oito peças. Mesmo assim acho válido relatar, mesmo que de forma breve, a proposta deste projeto, pois são os resultados dessa experiência que dão continuidade ao próximo e derradeiro projeto desse percurso.

As peças manchadas seriam modeladas de forma semelhante às peças produzidas no semestre anterior (ver Fig. 5), porém maiores, e passariam pelo mesmo tipo de queima. As figurativas seriam representações de sentimentos comuns como sono, raiva, fome, mantendo os aspectos estéticos da produção

do primeiro ateliê e também o valor simbólico da peça como máscara. A função das manchas nas peças era a de seduzir o espectador, induzindo-o a interpretá-las. Dessa forma, a interação com a peça se da de forma subjetiva, projetando elementos de sua personalidade sobre as peças e assim se identificando com elas. Em contrapartida, as peças figurativas tem a intenção de interagir com o espectador de forma objetiva, através de expressões caricatas.

Depois que as peças se quebraram no forno optei por interromper aquela proposta e começar uma nova. Deixei de lado as peças figurativas e me concentrei em dar continuidade à ideia das manchas. Para isso, com o prazo para o término daquele semestre se esgotando, propus fazer um molde de gesso a partir da modelagem de uma versão simplificada e maior das peças anteriores. Essa simplificação da aparência da peça se deu para facilitar a confecção da fôrma e também para que houvesse uma maior superfície para a leitura das manchas.



Fig. 9 Fôrma de gesso e cópia com argila colorida. Adriano Zamperlini. 2011.

Ao invés das cópias oriundas dessa fôrma serem submetidas ao processo da queima de buraco para criar as manchas, escolhi fazer as cópias

preenchendo a fôrma com argilas de cores diferentes, mescladas, na intenção de criar padrões similares aos provenientes da queima de buraco.

Preenchendo a fôrma de maneira gradual e intercalando pedaços de argila colorida, fiz três cópias, mas o efeito não foi o esperado. Durante a queima os padrões de manchas são criados de maneira aleatória e imprevisível, criando uma aura mística e ritualística sobre a peça. Ao invés disso os padrões criados a partir da sobreposição das argilas não convidavam o olhar a uma interpretação, ficaram superficiais e sem vida, assemelhando-se a padrões camuflados militares.



Fig. 10 “Sem título”. Adriano Zamperlini. 2011.

Percebi que não iria alcançar o objetivo inicial da proposta a partir desse processo, porém, fiquei curioso com os resultados obtidos com essa técnica de preenchimento. É uma técnica bem simples que apelidei de técnica de sobreposição. Consiste em usar pequenos pedaços de argila para preencher uma fôrma, prensando uns sobre os outros, criando assim uma espécie de mosaico. Resolvi fazer mais alguns experimentos com a fôrma e fiquei satisfeito com os efeitos estéticos obtidos. Esses resultados me levaram a elaborar uma nova proposta para o próximo e ultimo ateliê.

CAPÍTULO 3 – “PERSONALIDADE”

ATELIÊ 4

Como projeto final para a conclusão do curso em escultura, optei por realizar um trabalho que pudesse, de certa forma, reunir as propostas dos ateliês anteriores. Vale lembrar que este Trabalho de Conclusão de Curso analisa um percurso de propostas e experimentações, que a ultima produção não é necessariamente a melhor ou mais completa, e sim a etapa final desse percurso.

Utilizando a fôrma elaborada no semestre passado e aplicando a técnica de sobreposição, percebi que poderia fazer cópias, tanto preenchendo a fôrma por completo, como apenas algumas partes. Com base nisso propus criar dois grupos de peças, um com cópias conseguidas ao preencher toda a fôrma e outro preenchendo partes da fôrma, criando fragmentos da peça original. E coloca-las em confronto, como num jogo de xadrez.

Tomando como ponto de partida o entendimento de que a peça original, utilizada para a confecção da fôrma de gesso, consiste no perfil simplificado de um rosto humano com proporções exageradas e estereotipadas, ela pode ser considerada como uma máscara, carregando em si uma personalidade.

“A personalidade é um elemento relativamente estável na conduta da pessoa. É o que nos torna únicos, diferentes de todos. Diz respeito a características pessoais e que suportam uma coerência interna. Sempre que nos referimos à personalidade referimo-nos aos sentimentos, emoções, pensamentos, atitudes, comportamentos, motivações, tomadas de decisões, projetos de vida, etc. Ela permite que nos reconheçamos e que sejamos reconhecidos pelos outros, representa uma fidelidade, uma continuidade de formas de estar e de ser”.

(Miguel Alexandre Palma Costa)

Portanto, pode-se afirmar que todas as cópias também são máscaras e carregam consigo parte da personalidade representada pela peça original. No

caso dos fragmentos, podem ser interpretados como os sentimentos e emoções, os medos e inseguranças, ou as alegrias e os prazeres. Enquanto que as cópias inteiras podem ser vistas como as particularidades que definem a individualidade, tais como carácter, índole e temperamento. Essa obra pretende portanto criar um espaço de confronto entre os dois grupos de peças, para instigar o espectador a detectar, mesmo que de forma sutil ou particular, este jogo de emoções que definem e constroem nossa personalidade, atentando-se à batalha silenciosa que ocorre dentro de cada um de nós, diariamente.



Fig. 11 Grupo das peças inteiras de “Personalidade”. Adriano Zamperlini. 2012.



Fig. 12 Grupo dos fragmentos de “Personalidade”. Adriano Zamperlini. 2012.

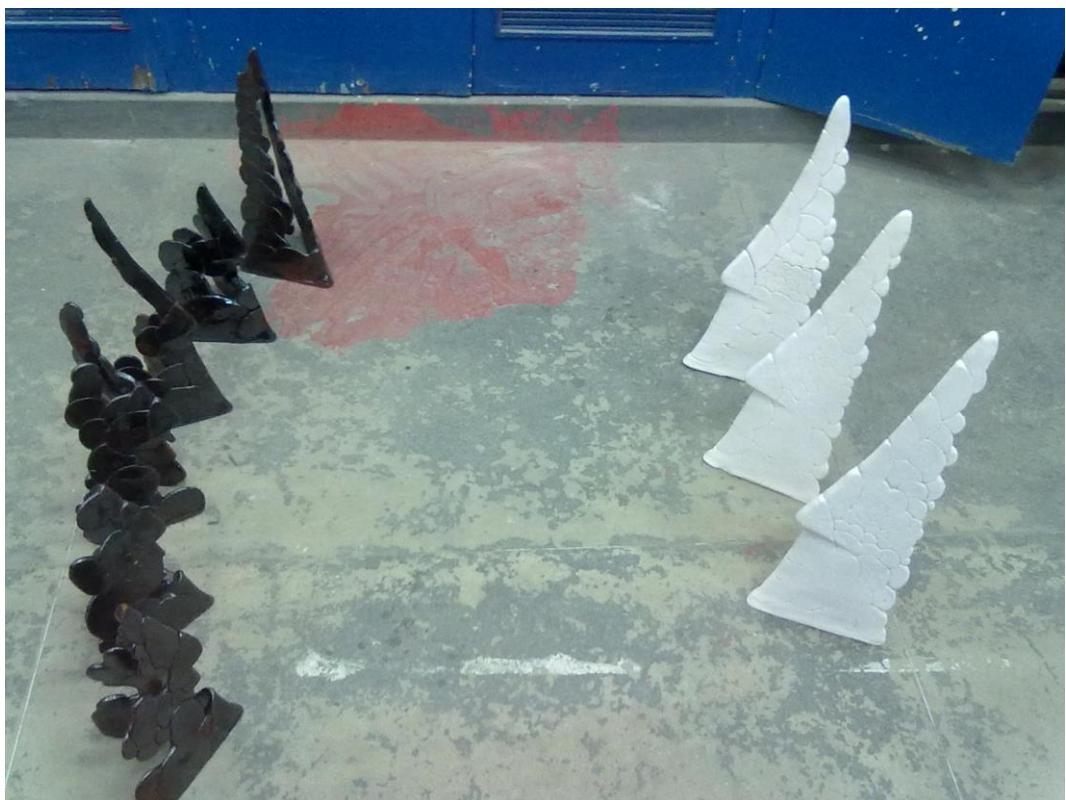


Fig. 13 “Personalidade”. Adriano Zamperlini. 2012.

CONCLUSÃO

Concluo com esse trabalho que durante todo o caminho no curso de Bacharelado em Escultura na Escola de Belas Artes da UFMG, minha produção foi guiada pela tentativa de criar máscaras e armaduras para me esconder e me proteger de uma situação com a qual eu não sabia lidar. Mas o mesmo processo de criar essas defesas proporcionou também o aprendizado de técnicas através da prática, dos erros e acertos. Proporcionou também um caminho de reflexões e de autoconhecimento.

Mesmo não tendo concluído todas as propostas ao longo desse percurso, considero todas as experiências dentro e fora do ateliê de cerâmica como importantes e válidas para meu amadurecimento tanto como artista e ceramista quanto como indivíduo.

Culminando assim, ora de maneira consciente, hora por acaso e transpiração, numa produção com linearidade e personalidade própria, que acaba por se tornar a marca modelada da minha modificação ao longo do curso. Produção esta que, por fim, deixa de ser um reflexo do eu ao ser exposta, tornando-se um reflexo de quem a confronta, pois traz em sua constituição, a impressão dos anseios e medos comuns da mudança.

REFERÊNCIAS

REGINA RODRIGES, Maria - Livro Texto Cerâmica Material impresso de cerâmica - EAD, UFES, Vitória, 2011.

MATTOSO, José - *As Máscaras: o rosto da vida e da morte* (Universidade do Porto, 1999).

BRANCANTE, Eldino da Fonseca. O Brasil e a Cerâmica Antiga. São Paulo: [s.d.], 1981

BACHELARD, Gaston. A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LINKS/SITES/INTERNET

<http://rotasfilosoficas.blogs.sapo.pt/3435.html>

<http://rotasfilosoficas.blogs.sapo.pt/3435.html>

http://lounge.obviousmag.org/anna_anjos/2013/11/a-origem-da-máscaras.html

<http://www.infoescola.com/artes/máscaras/>